O Espírito Santo e os índios karipuna

Disparos de foguetes acordam o povo da aldeia Espírito Santo, no rio Curipi. É o dia de Pentecostes, o mais importante do ano. Os karipuna da diáspora, Oiapoque, St. Georges e outros lugares da Guiana Francesa estão de volta neste dia, junto aos índios karipuna das outras cinco aldeias do rio Curipi e da estrada BR 156. É o grande dia do encontro dos karipuna.

O dia transcorre na alegria entre o café e as refeições comunitárias e danças, sempre precedidas pelos cantos das ladainhas. Às cinco da tarde todos se reúnem na Igreja, dedicada ao Divino. O símbolo do Espírito Santo, uma pomba coberta de fitas votivas por cima do globo, é retirada da Igreja e levada para a canoa principal. Outras canoas seguem, levando a imagem pelo rio. As bandeiras vermelhas acompanham, o sino toca e os foguetes estouram. Uma sombrinha defende a imagem do sol. As canoas estão lotadas, a chuva de maio cai abundante mas o povo não desanima. Da aldeia se distinguem as canoas e as grandes bandeiras vermelhas, com a fumaça dos fogos. O povo todo fica esperando na beira do canal que une a aldeia ao rio, nesta época de água cheia. Na volta, a imagem é recebida com muito alvoroço do povo animado e dos foguetes estourando e é levada para a igreja. A imagem é colocada em cima do altar e boa parte do povo se aproxima, beijando as fitas que cobrem a imagem e fazendo o sinal-da-cruz. Neste momento fazem seus agradecimentos por graças recebidas e formulam as novas promessas. O cantador das ladainhas toma posição na frente da imagem acompanhando o canto com as batidas do tambor de couro de sucuriju. Ao seu lado estão os ajudantes auxiliando no canto e segurando as bandeiras. O povo todo acompanha com respeito e respondendo ao refrão das ladainhas. As ladainhas são em latim, seguidas por um catecismo cantado em português. A última palavra de uma estrofe é a que começa a seguinte. Nada está escrito: a tradição é transmitida oralmente, de geração em geração.

Após o canto todos vão à casa da festa. É o momento das crianças. Elas sentam às mesas para elas preparadas. São cheias de velas e os homens servem a refeição preparada pelas mulheres. Neste momento as crianças estão no centro das

atenções. Os adultos que não servem ficam presenciando. Após a refeição das crianças, todos voltam para a igreja. As mulheres trazem para perto do mastro, coberto de frutas e encabeçado pela bandeira do Divino, a imagem do Espírito Santo. Acompanham as bandeiras e o cantador com o tambor. Reiniciam os cantos com todo o povo reunido ao redor do mastro. Muitos seguram as fitas amarradas à imagem do Divino. O povo está muito concentrado apesar da animação. As mulheres, segurando as fitas com a imagem, dão várias vezes a volta ao mastro, enquanto os cantos prosseguem e o sino toca. Após isso a imagem é levada de volta para a igreja. Agora é o momento da derrubada do mastro. Primeiro um rapaz sobe no mastro e desce a bandeira. Em seguida as frutas são arrancadas e jogadas. A criançada avança disputando as frutas. Os festeiros seguram na bandeira do Divino enquanto o mastro é derrubado com golpes de machado dados alternativamente por várias pessoas. Os novos festeiros (responsáveis pela condução da festa no ano seguinte) pegam na bandeira. Os festeiros que saem amarram uma fita na roupa dos novos, enquanto o mastro, já espoliado das frutas, é levado para o rio no meio de gritos alegres. As bandeiras e o povo acompanham. De novo os foguetes estouram. Na volta todo mundo se reúne na capela para mais cantos em honra do Espírito Santo. No final os novos festeiros vão, um a um, na frente da imagem e fazem seu compromisso.

A noite segue com a festa dançante no estilo regional. Não falta café e bebida a noite toda, só cortada, à meia-noite, pelo canto das ladainhas na igreja.

A festa que descrevemos não se resume ao dia de Pentecostes. Sem contar os preparativos, por conta dos festeiros ou padrinhos da festa, envolve a comunidade toda pelo menos doze dias antes. A festa do Divino é o momento forte do encontro anual dos karipuna. Os festeiros, nos dias que antecedem a festa da Ascensão, providenciam café, bolachas, foguetes e cartuchos.

Três dias antes da Ascensão é o mutirão da capina para toda a aldeia ficar limpa. É tarefa dos homens. No outro dia é a vez das mulheres fazer o mutirão para torrar o café para oferecer a cada momento durante o novenário. Os homens também são responsáveis por providenciar a caça para as refeições comunitárias. Saem e têm que voltar com comida. O número dos disparos dos foguetes, na volta, indica o tipo e quantidade de caça trazida. Aí a criançada recebe e leva para as mulheres tratarem. Toda a comunidade pára as atividades normais para se colocar à disposição e receber convenientemente os parentes e convidados. É a festa anual que reúne todo mundo, os moradores das outras aldeias e os que trabalham fora. É o reencontro ao redor do Divino: o protetor dos karipuna. O dia da Ascensão é o dia do levantamento do mastro, dos cantos, foguetes, danças que vão continuar por nove dias, com maior ou menor intensidade.

Quando iniciamos nossas atividades custou a perceber a existência e importância desta festa. Perceber no sentido que ela não depende da presença de agentes externos e menos ainda do padre. O povo está organizado por sua conta e não precisa de pessoas de fora.

Quando percebemos sua existência, a primeira reação foi de rejeição: parecia-nos uma religiosidade colonial alienante. Foi após conhecer melhor este povo, pela convivência, que descobrimos a validade e o valor de uma religiosidade que fundamenta a vida do povo karipuna.

A festa do Divino foi introduzida por outras pessoas da região, mas foi reinterpretada e incorporada pela cultura karipuna. Primeiro temos que considerar que o povo karipuna é constituído pela aglutinação do que sobrou da guerra da

cabanagem: um conjunto de etnias que reconstituíram sua identidade como povo indígena no rio Curipi. A festa do Espírito Santo foi e é o elemento religioso aglutinador. Na parte econômica temos o mutirão; na língua temos a língua geral da região, o patuá. A festa e devoção ao Espírito Santo, apesar de introduzida, foi reinterpretada a partir da realidade indígena – mutirões, condução da festa e principalmente a presença de Deus em cada momento da vida.

A festa do Divino parece, para um observador desatento, igual às outras festas tributadas aos santos, comuns em todas as aldeias, mas aprofundando descobrimos que tem elementos próprios que carecem nas outras manifestações religiosas: é o elemento aglutinador, a procissão fluvial, o jantar das crianças. O Divino é a presença de Deus na vida do povo sofrido: é o grito dos que acham que a única esperança está em Deus do momento em que "os homens" não resolvem. É um ato de fé no Deus que está ao lado dos pobres.

Do outro lado está a fé, confiança no Deus que resolve os nossos problemas. Esta tem os seus pontos fracos, no sentido de esperar e não fazer acontecer com a força do Espírito.

Anos atrás, a partir da conjuntura desfavorável para os povos indígenas e da reflexão religiosa, fizemos uma proposta para as comunidades karipuna: a celebração da crisma para pedir a força do Espírito Santo. As comunidades aceitaram logo. Preparamos um subsídio/proposta a partir dos Atos dos Apóstolos e do livro do Apocalipse. Do Apocalipse pegamos as cartas para as comunidades (capítulos 2 e 3) e o capítulo 12 que fala da luta entre a mulher e o dragão. Este foi o tema principal. Identificamos as sete cabeças do dragão com os problemas principais da conjuntura; a mulher grávida é a comunidade que traz consigo a força de Deus. A luta é de hoje e agora. Um índio pintor desenhou o dragão e a mulher. As cabeças do dragão ganharam nomes: violência, ferro-dinheiro, divisão, ignorância, desprezo, legislação, dependência. Em resposta a cada arma do dragão tinha a defesa/ataque: força e coragem, repartir, participação/serviço, inteligência, amar a terra e o povo, organização indígena, iniciativa.

Tudo pela força de Deus que está presente na comunidade com sua força, na pequena mulher grávida.

O pessoal traduziu as situações em termos concretos, até dramatizando. A celebração da crisma foi um momento alto da vida comunitária e uma tomada de consciência do compromisso na situação real. Houve uma verdadeira transformação e revitalização. O que nos impressionou foi a empolgação coletiva que contagiou grandes e pequenos, foi a superação de divergências entre famílias e principalmente o assumir tarefas permanentes a serviço da comunidade, o que dura até hoje. Aí entendemos que a comunicação com o Espírito Santo, o relacionamento e abertura para o divino é algo presente e atuante na comunidade.

Atualmente, em 1994, estamos repetindo a experiência a partir de um programa mais vasto: o plano de Deus, tendo ao centro Jesus Cristo e seu povo e o Espírito Santo como inspirador dos ministérios. Pretendemos que a comunidade assuma sempre mais sua missão e crie sua autonomia na unidade.

Nello Ruffaldi e Roberta Lee Spires
Caixa Postal 12080 – São Braz
66090-970 Belém, PA